



# O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — REV. A FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto

REV. SAUL LE SCUSA — Rua A. V. - Lote 2, r/c-D. — Vila Franca de Xira

Administrador — JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

## Eleição Episcopal

O Senhor da Igreja provê na hora própria. Com mão poderosa guia os Seus servos na realização dos desígnios que em Sua Omnisciência traça. A Igreja militante, na dificuldade humana de escolher o caminho conveniente, quando chega a uma bifurcação, deve ter fé para, tranquilamente, procurar e aguardar a direcção ditada pela Cabeça Celestial, umas vezes ditada através de acontecimentos confusos e atitudes contraditórias dos fiéis; outras, pela indicação clara, de que quase todos se apercebem, da recta decisão a tomar.

Foi desta última forma — graças Lhe sejam dadas! — que o Sínodo da Igreja Lusitana, no dia 21 de Outubro de 1960, elegeu o Rev. Dr. Luís César Rodrigues Pereira para seu Bispo, em sucessão do Senhor Dom António Ferreira Fiandor. Este, completando 76 anos no dia 27 seguinte, atingia o limite de idade para o exercício da jurisdição ordinária. Importava dar continuidade, e a Igreja Lusitana, representada pelo seu Sínodo, não hesitou: por escrutínio secreto — para que ninguém ficasse privado da mais completa liberdade de consciência numa tão responsável deliberação, elegeu aquele Presbítero, em condições que não deixam lugar a quaisquer dúvidas acerca da Sua

vontade. Com efeito, pode dizer-se ter sido unânime a escolha, já que a urna revelou um só voto negativo.

Feliz escolha! Ninguém entre nós desconhece as qualidades de coração, inteligência, cultura, modéstia e dinamismo que a Graça tem feito sobressair na pessoa do nosso novo Bispo; todos podem dar testemunho da sua inteira fidelidade à doutrina católica da Igreja, do fervor evangélico que o tem levado a espalhar a Palavra de Deus, perto e longe da sua paróquia, da cativante hospitalidade que a sua Casa sempre dá a ricos e pobres, grandes ou pequenos, aos que crêem diferentemente, e até



aos que não crêem; todos nos louvamos na seus bastos conhecimentos da Escritura Sagrada e da Liturgia, na profundidade espiritual das suas mensagens, e no entusiasmo quase revivalista da sua pregação.

Temos, assim, a Igreja unida em torno do seu novo Bispo, como unida estava à volta do antecessor, crente de que fica em boas mãos o testemunho que, com resignadas e nobres lágrimas, este lhe entregou, e nós todos, comovidamente, vimos entregar.

Deus o guie no sagrado ministério do episcopado; lhe acrescente clareza de visão, força de ânimo,

(Continua na pág. 7)

## A propósito do Infante

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Chegaram ao seu termo as comemorações henriquinas. A colaboração dos cristãos reformados pode-se considerar inexistente pois que saibamos, reduziu-se a algumas alusões na Imprensa.

Longe vai o tempo em que tomámos parte, senão grandiosa, decerto digna de nota, nos festivais do Gama, de Garrett, de Herculano. Morreram os pioneiros, Alfredo da Silva, Santos Figueiredo e outros; e seus imediatos colaboradores, quase todos também. Modificou-se o ambiente. Dispersaram-se os grupos. E já quase nos não conhecemos!

No entanto poderíamos ter tido um lugar, humilde mas marcante, e deveríamos ter feito ouvir a nossa voz nitidamente.

Quem nos impediria, visto que fazemos parte disciplinada e afectuosa da sociedade?

No meio de muitas palavras ditas e escritas têm aparecido algumas ideias a propósito do centenário da morte do Infante; e devemos nós também pensar construtivamente nessa figura de tanto relevo na nossa História, verdadeiro iniciador da Renascença, na opinião autorizada e há muito expendida pelo Prof. Silva Teles.

Alguns pensamentos queremos aqui exteriorizar, e o leitor em breve verá por que razão o fazemos.

Começaremos pela antonomásia: «O Navegador». Estará certa? Dúvidamos.

Os Franceses lhe chamaram «Le Navigateur», mas dos Espanhóis recebeu o cognome de «El Navegante». Ora este é que nos parece mais acertado, pelas razões que passaremos a expor. A primeira terminação, na nossa língua, exprime quase sempre generosidade, o resultado duma vontade natural, enquanto que a segunda é, nos mesmos casos, note-se, espe-

(Continua na página 6)

# NOTAS E COMENTÁRIOS

Por Paulo Agostinho

## «O Despertar» — Tribuna Livre

Este pequeno boletim, fundado pela Mori (1) em 1950, passou em 1958 a ser um boletim oficial da Igreja, porque é por ele que o Sinodo emite as suas deliberações e que os Bispos falam aos seus fiéis. Contudo, nunca deixou de ser a tribuna livre que sempre tinha sido e onde os assuntos e os problemas actuais são tratados com plena liberdade pelos seus autores. E só assim se poderá proceder no amplo e largo espírito da Igreja. Na mesquinhez sectária é que a mentalidade está acorrentada, não vá a seita por água abaixo...

Nesta ordem de ideias escreviamos nós no N.º 17 (1956) neste mesmo lugar: «Se estivessem observadores estranhos (às conferências da CEPI), pouco habituados ao desassombro com que pessoas conscientes de si próprias, sinceramente, procuram a Verdade Absoluta por entre as diferentes verdades que se lhes apresentam, pois aquela é a média destas, pensariam, talvez, que haveria divergências entre os seus membros e até partidos dentro da Igreja, que assim se encontrava dividida.

Que absurda e errada seria tal conclusão! A Igreja Lusitana não tem espírito de seita. Todos obedecem ao Sinodo, todos respeitam e seguem a mesma liturgia, todos aceitam os 39 artigos da Igreja, todos recitam os Credos com igual fé, todos têm como pastor o seu Bispo, todos têm Cristo como Verbo incarnado, todos se sentem dentro da mesma Igreja. Na unidade pois da certeza das grandes verdades, não há, em absoluto, divergência alguma. O que os seus membros têm, seguindo os princípios do Evangelho de Cristo, e que Santo Agostinho resumiu na máxima que a Igreja Lusitana escolheu para seu lema, o que eles têm é liberdade, ainda que disciplinarmente, de discutirem certos assuntos de Fé e Ordem. Isto lhes dá acuidade de pensamento, movimento de concepção, dinamismo, alma». *Podemos pois concluir que os artigos do «Despertar» assinados, são da responsabilidade dos seus autores e não da responsabilidade da Igreja.*

— (1) Movimento de Revigoração da Igreja, originado numa série de conferências em prol da Igreja (CEPI) realizadas em V. N. de Gaia em Janeiro de 1960 e às quais alguém já chamou o «Movimento de Oxford» da Igreja Lusitana.

### Novo Bispo da Igreja Lusitana

No último Sinodo realizado em 21 de Outubro de 1960 foi eleito bispo o Rev.<sup>mo</sup> Dr. Luís Pereira, pároco da Igreja de S. Mateus, e que é o 4.º eleito, desde que, em 1880, a Igreja Lusitana foi restaurada. Na antiga Lusitânia a Igreja era completamente independente de Roma e foi-o até ao limiar da nossa nacionalidade. Na Igreja restaurada, em relação aos três bispos anteriormente eleitos, o primeiro, o Rev. Godofredo Pope, pelas características nacionalistas da Igreja Lusitana, não quis acei-

tar a eleição por ser estrangeiro. O segundo, D. Joaquim dos Santos Figueiredo, por dificuldades que então se levantaram, não chegou a ser sagrado, apesar de reconhecida por toda a Igreja a sabedoria da sua vasta cultura, o tacto com que havia até então dirigido a Igreja e a integridade do seu carácter. O terceiro, D. António F. Fiandor, foi o primeiro sagrado. A Igreja rejubilou e gritou bem alto: «Bispo havemos». Foi um passo em frente na evolução da Igreja Lusitana e o seu reconhecimento indubitável no sentido católico e apostólico.

O Rev.<sup>mo</sup> Bispo Fiandor manteve-se no seu posto diocesano até ao limite de idade previamente estabelecido, em 27 de Outubro passado. Era pois necessário para continuidade da Igreja eleger novo bispo. Os momentos que precederam a eleição foram solenes. Todos os presentes estavam sentindo a responsabilidade da resolução que se ia tomar. Era o facho do episcopado que se transferia na corrida do tempo. No fim de alguns minutos, que pareceram eternos, e num ambiente de comoção, foi lido o resultado do escrutínio secreto que designava o candidato eleito por uma quase perfeita unanimidade.

Numa nota bem significativa, um dos presentes, logo a seguir à eleição, depois de fazer o elogio do Bispo Fiandor, dirigindo-se ao Bispo-eleito, disse-lhe que pedia a Deus para ele as maiores das Suas bênçãos. E acrescentou: «Espero que os meus netos, como o meu saudoso avô, permaneçam fiéis à Igreja Lusitana como ela tem sido, Católica, Apostólica e Evangélica, e nela sigam a Cristo em sinceridade e em verdade».

E esta foi a lição. O tempo passa. A Igreja fica.

### Liberdade Religiosa

Não desejo falar da liberdade de culto e de se poder seguir diferentes crenças religiosas, que as constituições da maioria dos países do mundo, depois dos tempos de intolerância que ensanguentaram e mancharam a História da Humanidade, concede presentemente a todos os cidadãos. Desejo referir-me tão somente à liberdade do livre exame das Sagradas Escrituras e igualmente à liberdade dos fiéis poderem discutir os problemas teológicos e os pontos especulativos da fé.

Na comunhão romana a interpretação das Escrituras e dos muitos e diferentes dogmas, pertencem exclusivamente ao clero. Crer de olhos fechados o que a Santa Madre Igreja ensina, assim se diz nos catecismos. A Bíblia só pode ser lida através das notas explicativas do texto, sem o leitor dever arredar pé do que lhe é ensinado. Isto tem sido assim e é assim como doutrina.

Lutero, membro sincero da Igreja, e que o continuou a ser e por isso pregou a Reforma Religiosa, (reforma quer dizer: voltar à forma primitiva) expôs a doutrina do livre exame num sentido genial do que convém ao desenvolvimento da vida reli-

giosa. Extraordinária revolução que havia começado na praça pública de Vitemberga pela queima da bula da excomunhão, acto que por si só marcou um novo período na História da civilização ocidental.

Poderá esta liberdade conduzir a erros, interpretações erradas e desvios? Certamente pode. Mas Cristo, a respeito do joio que apareceu ao mesmo tempo que o trigo, disse: «Não arranqueis o joio demasiadamente cedo, para que não suceda que ao arrancar o joio arranqueis também o trigo com ele. Esperai. Deixai crescer ambos até à ceifa e então podereis distingui-los melhor e separá-los distintamente, o joio queimando-o, e o trigo recolhendo-o no celeiro».

A pedra de toque do cristão, que se quer edificar e crescer espiritualmente, é a humildade, o sentimento de obediência a Deus e o reconhecimento da Igreja como orientadora, guia, conselheira. Perderá todavia a Igreja este sentido condutor que lhe é intrínseco, se se desviar desta sua própria natureza divina, cerceando a liberdade do indivíduo e impedindo-o de meditar por si só a Palavra Santa que Deus lhe colocou em suas mãos. «Toma e lê!» Deus, no seu amor pelos Seus filhos, criou-os livres, e só em liberdade poderão alcançar a maturidade do seu espírito.

Poderá parecer contradição a alguém o dizer-se que o cristão deve fielmente considerar a Igreja como sua orientadora e guia, e ao mesmo tempo afirmar-se que ele é livre para examinar os problemas que a Igreja discute sobre doutrina e ordem. Mas a obediência à Igreja, atitude que provém do conceito da sua essência divina na sua abstracção mais pura e a liberdade religiosa não se contrapõem antes, pelo contrário, se conjugam. Só em ambiente de tolerância e amor e num espírito de temor de Deus as almas livres em Cristo se podem unir num corpo só, a Igreja UNA e SANTA. Esta é a doutrina do Evangelho. (S. João VIII, 31, 32; I. S. Pedro II, 16).

O cisterciense São Bernardo chamou o papa Eugénio III à consideração atenta do seu procedimento como Bispo que deveria ser de servo e não de dominador. O papa responde-lhe: «Então quê? Não me negas a presidência e proíbes-me que domine?» «Tal e qual» diz-lhe São Bernardo. «Preside como servo solícito. Preside tu para providenciar, preside para guiar e aconselhar, preside para salvar, preside para seres de proveito... Faz assim e não pretendas dominar homens como homens, se não queres que te domine a ti toda a injustiça... Não há veneno pior que o engodo de dominar». (De Consider. Livro III, cap. 1. 2). (1).

Nesta citação vê-se que no alvorecer deste segundo milénio da era de Cristo, já não estava a ser compreendida a missão evangélica da Igreja, excepto pelos melhores homens que lutaram contra o pecado do domínio. A Igreja não é formada só pelo clero, mas é toda a comunidade dos crentes, assim sentiam os seus santos. Lutero foi um destes melhores homens que

(Continua na 7.ª página)

## Um oportuno conselho do

# Apóstolo S. Paulo

*Mensagem do Rev.º Bispo D. António F. Fiandor*

Ainda que em épocas passadas algumas partes do mundo, por várias vezes se vissem assoladas por temerosas guerras, as actuais circunstâncias em que os governantes se encontram, com os modernos e belicosos engenhos de combate que todos os dias os homens inventam, causam-nos o maior horror pela devastação de vidas e de bens que se antevêm, ao pensar em nova guerra.

Saimos de uma guerra que já classificávamos de grande e, passados poucos anos, estávamos suportando outra maior e mais trágica em lágrimas, luto e dor.

E agora, quando vemos tantos com ideologias políticas diferentes e, por isso, se combatem, com desejos de domínio de governos e, por isso, se degladiam, que havemos de pensar?

Estaremos a chegar ao tempo anunciado no sermão profético de Jesus? (S. Mateus, 24)

Como nos tempos angustiosos e de sofrimento nos cativeros do povo de Deus, no Egipto, Síria e Babilónia, os Profetas erguiam os seus clamores chamando o povo ao arrependimento e à fidelidade a Jeová, hoje, como então, e com os mesmos motivos, angustiosos clamores têm de ser feitos entre o povo cristão pelos que anunciam a Palavra de Deus, para uma compreensão mais verdadeira e mais prática do valor da fé e sua influência no amparo entre os homens para a paz das almas.

«Portanto, vede como andais prudentemente, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus, pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor».

Aconselha S. Paulo aos Efésios, IV, 15 a 17, e lembramos nós.

## “ O DESPERTAR ”

Este pequeno boletim, oriundo do movimento renovador da Igreja, nascido em 1950 e que se tem publicado desde então, na sua modesta forma tem sido distribuído a todos os membros da Igreja Lusitana, apenas recebendo para ajuda da sua manutenção aquilo que cada um tem desejado oferecer.

Respondendo a muitas sugestões, vamos, porém, iniciar o sistema de assinaturas por 5 números, que corresponde, por enquanto, mais ou menos, à sua publicação durante um ano. O preço da assinatura será de 10\$00.

Para a assinatura, basta preencher o impresso junto e enviá-lo ao Administrador deste boletim, Sr. Joaquim de Pina Cabral, Santo Ovídio, V. N. de Gaia, ou ao delegado da Igreja que frequenta.

## Reunião Sinodal

Nos dias 21 e 22 de Outubro último, reuniu-se em Lisboa o Sínodo Geral da Igreja.

Além da eleição episcopal de que noutra lugar falamos, o Sínodo aprovou, nas suas linhas gerais, o Relatório sobre arrumo do ministério da Igreja e reorganização financeira, e elegeu, já segundo a recente Constituição da Igreja, a nova Comissão Permanente, assim formada: Revs. Agostinho Arbiol, Dr. Daniel de Pina Cabral e João Soares de Carvalho e os Snrs. Dr. Leopoldo de Figueiredo, António de Almeida Barros e Arnaldo Marques Daniel.

Esta Comissão Permanente teve a sua primeira reunião no Dia de Todos os Santos, para formalização da transmissão de poderes ao novo Ordinário e distribuição de cargos.

Foram nomeados secretários os Revs. Arbiol, Dr. Pina Cabral e o Snr. Dr. Leopoldo de Figueiredo respectivamente, para assuntos internos, administração e relações ecuménicas.

## Ordenações:

No Domingo anterior ao Advento, na Igreja de S. Paulo em Lisboa, o Reverendíssimo Bispo D. António F. Fiandor conferiu as Sagradas Ordens de Diácono ao Snr. Saul de Sousa, e as de Presbítero, ao Rev. Francisco Venâncio de Oliveira.

O novo Diácono está nomeado Ministro auxiliar da Paróquia de S. Mateus, Vila Franca de Xira. O Rev. F. Venâncio de Oliveira, que já era Ministro interino da Paróquia de Cristo Remidor, Alcácer-do-Sal, foi nomeado seu pároco e deve em breve ser ali solenemente instituído.

Também no Domingo do Advento, pelo mesmo Bispo, foi instituído Diácono na Igreja do Salvador do Mundo, Vila Nova de Gaia, o Snr. Manuel de Sousa Campos, já nomeado coadjutor daquela Paróquia.

Não esqueçais de auxiliar as iniciativas da Igreja Lusitana: Lembrai-vos deste pequeno boletim que não pode viver sem o vosso auxílio; ajudai com o máximo das vossas possibilidades a erguer o templo de Alcácer do Sal.

«Deus ama ao que dá com alegria».

## Publicações Recebidas

### Dois Livros e um Opúsculo

Rev.<sup>mo</sup> Bispo D. EGMONT MACHADO KRISCKE — **A ESTRUTURA DA FÉ** — 2.<sup>a</sup> Edição — Departamento de Educação Religiosa, Igreja Episcopal Brasileira, 1957.

Há livros que adivinhamos estarem publicados, tal a necessidade que deles se faz sentir na nossa sede de conhecimentos das coisas da Igreja. Este é um deles, que aparece como água que brota inesperada na aridês da nossa literatura eclesiológica.

De facto a Igreja não se deve contentar com ligeira evangelização em que apenas mal se afloram os pontos da Fé, sem a especulação necessária a que nosso espírito aspira. Os nossos filhos começam a frequentar as Universidades; cada vez é mais crescente a cultura média dos nossos crentes; e a Igreja tem de ouvir o tumultuar do pensamento da Juventude ávida de satisfazer a sua ânsia de saber e de penetrar no âmago das coisas que a cercam.

Este livro conduz a uma iniciação nos conhecimentos básicos dos fiéis na vida Religiosa. Deve, pois, estar na estante de todo aquele que anseia conhecer, mais profundamente, a Estrutura da Fé e as Doutrinas basilares da Igreja.

MASSEY H. SHEPHER J.<sup>or</sup> — **ADORAÇÃO E VIDA** — Tradução de Paulo Dallfollo, Publicado pelo Departamento de Educação Religiosa do Conselho Nacional da Igreja Episcopal Brasileira.

Este é outro livro de capital importância para os fiéis. A Igreja não pode deixar de ter a consciência de que é o conjunto dos filhos de Deus, que se integram totalitariamente (e aqui o termo fica bem) no Seu serviço. E ninguém pode servir sem conhecer a quem serve, o que serve, e como serve. Este livro dá-nos a conhecer a estrutura do Culto na sua liturgia simples, edificante, gloriosa; e, duma forma se bem que elevada, acessível a qualquer pessoa medianamente informada do uso do Livro de Oração Comum.

Rev. FRANCISCO CRUZ — **UMA SÓ FAMÍLIA.**

Foram já recebidos dois números deste opúsculo. É um grito de revolta contra a divisão das

## Eleições anteriores ao Episcopado da Igreja Lusitana

### Godofredo Pope

1837 — 1902



forças cristãs. Declara que «não é seu intento defender qualquer forma de união, mas apenas lamentar as tristes rivalidades denominacionais». Põe a mão na ferida, chama a atenção para a chaga que sangra, mas vê-se que de momento parece aliás que se sente embaraçado, em indicar o caminho a seguir. Concordamos que não é fácil. Em todo o caso, como nos diz o provérbio, tão cheio de sabedoria, do povo chinês: «É melhor iluminar com uma vela do que maldizer a escuridão»... Graças a Deus, neste meado do século XX, alguma coisa se está fazendo neste sentido. O mal está a ser reconhecido. E se há consciência desse mal, isto constitui a esperança de que se há-de procurar o remédio.

Bem haja, pois, o distinto Autor pela maneira desassombrada como trata o assunto, pela sincera tristeza e honesta indignação com que vê a Cristandade em lutas mesquinhas, presa a preconceitos, sem olhar para Cristo e para a Sua Igreja Católica, Una e Santa

L. F.

Doutor em Teologia, ministro da Igreja Anglicana em Lisboa, teve um papel de relevo na restauração da Igreja Lusitana, ajudando duma maneira especial os ministros portugueses que nela estavam empenhados. Em 1884 foi eleito Bispo da Igreja Lusitana, mas não aceitou, declarando que seria melhor que a Igreja tivesse um Bispo natural do país. Os Bispos da Comunhão Anglicana, que souberam daquela decisão, acharam-na justa, a fim de evitar que este movimento de restauração tivesse algum aspecto que pudesse, mesmo de longe, parecer qualquer coisa como missão ou interferência anglicanas. Devia a Igreja parecer o que era: Uma pura restauração da Igreja Primitiva na Lusitânia, feita por presbíteros e leigos portugueses.

### D. Joaquim dos Santos Figueiredo

1865 — 1937



Padre católico-romano, cura de Santa Cruz de Coimbra, foi convidado pelo seu Bispo a retratar-se dum artigo que escrevera no «Alarme», órgão liberal de Coimbra, sobre o ensino teológico ministrado nos Seminários, ensino este que ele achava deficiente e feito numa directriz errada. Pronto a corrigir quaisquer palavras que pudessem ter atingido terceiros, se as houvesse, não podia, contudo, de maneira alguma, desdizer-se do que sentia ser um ponto de consciência e essencial à preparação do clero. Preferiu sair da sua Igreja. Depois, convidado pelo Rev. Roberto Moreton, assumiu a direcção das Escolas Primárias da Igreja Metodista no Porto. Um ano mais tarde, pregou o seu primeiro sermão na Igreja Metodista, sendo convidado, posteriormente, para Coadjutor do Ministro da mesma Igreja. Dois anos volvidos, veio para Lisboa, a pedido da Igreja Presbiteriana, que então estava sem pastor,

pedido a que a Igreja Metodista acedeu. Mas o seu coração já há muito estava na Igreja Lusitana, pois sentia que era esta Igreja que podia satisfazer o objectivo da Reforma da Igreja em Portugal, pela constituição católica, pela ordem apostólica, pelas tradições portuguesas.

Em 1905 foi eleito Presidente do Sínodo e, em 1922, eleito Bispo. Infelizmente, por circunstâncias alheias à vontade da Igreja Lusitana, faleceu em 1937 sem ter sido sagrado. Foi conhecido como homem de paz, e, pelos seus escritos, pela sua cultura, pela sabedoria dos seus sermões, muito contribuiu para a consolidação da Igreja Lusitana.

## D. António Ferreira Fiandor

1884

Nasceu em 1884 e ainda muito novo aceitou o Evangelho na Igreja Lusitana. Foi licenciado pregador em 1905. Instituído Diácono em 1908, e ordenado presbítero em 1911. Primeiramente serviu como Coadjutor do Rev. Frederico Flower,



na Igreja do Redentor, e depois foi colado como ministro, em 1923, na Igreja de S. João Evangelista. Foi Presidente do Sínodo desde 1939, presidência que foi distinguida «pela expansão eclesial que então se desenhava, tendo sido o homem que Deus preparou para as circunstâncias».

Pelas suas qualidades já reveladas como dirigente, pela sua dedicação e fidelidade à Igreja Lusitana, foi eleito Bispo em 1957 e sagrado em Junho do ano seguinte, o primeiro Bispo sagrado na Igreja Lusitana, após a sua restauração. Ocupou a presidência da Igreja até à sua resignação em 27 de Outubro último quando completou 76 anos.

A Igreja ainda muito tem a esperar deste seu fiel servo pela sua experiência, pelo seu conselho, pela sua consagração que sempre manifestou, e que todos sentem e reconhecem.

## D. Angel Herreros de Móra

### 1.º Bispo evangélico eleito em Portugal

Ex-padre, hespanhol, perseguido e encarcerado no seu país por motivos de religião. Refugiou-se nos E. U. A., onde foi recebido na Igreja Episcopal desse país. Alguns anos depois voltou à Europa, mas como não podia entrar na sua pátria, fixou-se em Lisboa, onde fundou, em 1870, a Igreja Evangélica Espanhola, de rito



episcopal, em conjunto com algumas igrejas do mesmo rito em Lisboa e em V. N. de Gaia, dirigidas estas pelos irmãos Cassells. Este insigne apóstolo da reforma foi eleito Bispo pelas Igrejas Episcopais então existentes. Não chegou, porém, a ser sagrado, falecendo em 1876. Só mais tarde, em 1880, foi restaurada a Igreja Lusitana, que ele tanto havia preparado mas que não chegou a ver estabelecida. Nessa altura foram convidadas a entrarem neste movimento eclésico nacional todas as Igrejas evangélicas. Infelizmente só algumas aceitaram, apenas as que já possuíam o rito episcopal.

## CALENDÁRIO DA IGREJA

### DEZEMBRO

- 4 — 2.º Dom.º do Advento. Liv. de O. pg. 105. Cor lit.: Roxa.
- 11 — 3.º Dom.º do Advento. Liv. de O. pg. 107. Cor lit.: Roxa.
- 18 — 4.º Dom.º do Advento. Liv. de O. pg. 108. Cor lit.: Roxa.
- 21 — Dia de S. Tomé. Liv. de O. pg. 234. Cor lit.: Encarnada.
- 25 — Natal. Liv. de O. pg. 110. Cor lit.: Branca.
- 26 — Dia de Sto. Estêvão. Liv. de O. pg. 236. Cor lit.: Encarnada.
- 27 — Dia de S. João Evangelista. Liv. de O. pg. 237. Cor lit.: Branca.
- 28 — Dia dos Santos Inocentes. Liv. de O. pg. 239. Cor lit.: Encarnada.

### JANEIRO

- 1 — Circuncisão do Senhor Liv. de O. pg. 114. Cor lit.: Branca.
- 6 — Epifania Liv. de O. pg. 116. Cor lit.: Branca.
- 8 — 1.º Dom.º depois da Epifania. Liv. de O. pg. 119. Cor lit.: Branca.

(Continua na página 7)

## VISITANTE ILUSTRE

Vindo de Londres, esteve entre nós o bispo da Igreja Episcopal Protestante Americana, o Rev.º Bispo Stephen F. Bayne J.º, que pertence ao Conselho consultivo da Conferência de Lambeth e ao Conselho de Informação de Estratégia Missionária, com sede em Londres.

Em Lisboa, onde permaneceu apenas 3 dias, teve oportunidade de assistir a uma Sessão do Sínodo da Igreja Lusitana, que então se reunia nesta cidade, sob a presidência do Rev.º Bispo D. António F. Fiandor. Visitou igualmente algumas igrejas e assistiu ao Culto da Igreja de S. Paulo, no domingo 23 de Outubro p. p. Esta visita de cortesia de tão distinto prelado da Igreja Americana foi para nós motivo de alegria e satisfação. Isolados, numa pequena Igreja, neste canto da Europa, é sempre animador sentirmo-nos ligados, por eles bem fortes, à Comunidade Católica Reformada espalhada por todo o Mundo, e chamada Comunhão Anglicana. Esta grande comunidade de cerca de 40 milhões de crentes, representa de facto um movimento de conjunto de várias igrejas nacionais que, aceitando os princípios renovadores da Reforma do Século XVI, prosseguem na continuidade da Igreja Histórica. O nome de «Anglicana» deriva não por ser comandada de Inglaterra (as igrejas nacionais são independentes embora inter-dependentes), mas porque teve início neste país no tempo da Reforma, e se espalhou em missões por todo o Mundo, implantando os princípios da Igreja Primitiva, numa «Verdade Evangélica e Ordem Apostólica». O nome desta Comunhão é, portanto, um cognome de razão histórica. A Conferência de Lambeth, que trata das grandes questões teológicas, é como que um concílio que se reúne de 10 em 10 anos e a que assistem os bispos representantes das diferentes Igrejas. É natural que para a próxima vez seja convidado o Bispo da Igreja Lusitana, à semelhança do que aconteceu em 1958 com bispos velho-católicos e ortodoxos.

Dado este esclarecimento, poderão todos compreender como a Igreja Lusitana recebe honrosa a visita dos prelados doutras igre-

(Continua na página 7)

## A propósito do Infante

(Continuação da pág. 1)

cífica, ingénita ou adquirida por um direito ou vocação particular.

Daremos poucos exemplos, para não cansar: provocador é qualquer que provoca, mas provocante é qualidade específica ou inata; cantador é todo o que canta, porque quer, mas cantante designa qualidade própria como «voz cantante» ou «fonte cantante»; celebrador será todo o que celebra, seja o que for, mas celebrante é o que o faz por direito ou praxe. E o mesmo se dirá de negociador e negociante. Orador é todo o que ora ou discursa, mas orantes eram as figuras das Catacumbas, esculpidas ou pintadas, para nos darem a permanente ideia da oração ou prece. E não estamos escolhendo com dificuldade os exemplos. Vede, ao acaso: insinuator, argumentador, a par de insinuante e arguente, entre tantos outros.

O génio idiomático do castelhano, mais próximo do nosso, dá-nos o cognome mais certo. Henrique não foi um navegador qualquer mas «navegante», iniciador da navegação ao largo; mais mestre de navegação que viajero mas identificado com os que fazem a vida do mar.

Alguém dirá, principalmente os afrancesados, que não tem interesse de maior esta diferença; mas procurarei provar o contrário:

Há muitos anos, talvez quarenta, apareceu num quotidiano da nossa Capital uma notícia sobre o reboliço que na Ribeira teria feito um magote de peixeiras a quem o «reporter» apodou de «protestantes», pelo protesto que fizeram. Ora sucede que, jovem arrebatado nesse tempo, também protestámos contra o epíteto descabido, afirmando que quem protesta, num sentido geral e fortuito, a favor ou contra qualquer coisa, é protestador, e que «protestantes» são aqueles cristãos que seguem a doutrina inicialmente exarada no solene «Protesto» (*Protestatio*) dos Príncipes alemães de 1517-1530.

O Sr. Rocha Júnior, jornalista distinto ainda felizmente vivo, e que mais tarde teríamos por colega em certa comissão, escritor a quem se devem páginas repletas de fino humor, merecedoras de maior apreço que o de um fugaz dia de jornal, era nesse tempo jovem também e respondeu com graça num eco intitulado «Religião

e Peixe». Decorreram depois anos (tantos, aí de nós ambos!) e não nos convenceu. Protestador continua a ser o comerciante que protesta a letra, e assim afirma que é credor. E' também o amigo que no fecho da carta envia os protestos da sua estima, ainda afirmando; assim como os que «protestam contra», a torto e a direito, desde o Romano Pontífice a respeito do *salsifré* mundial, até aos africanos atrapalhadísimos com a independência que a política económica lhes está entregando. «Protestante» continua a ser, para o povo inculto e iludido por baixos interesses, sinónimo de descrente, tráfuga, herege ou blasfemo, mas para a pessoa com dois dedos de cultura, são os cristãos reformados ou evangélicos.

Houve tempo, ainda há dois séculos, que eram «reformados» os calvinistas e «evangélicos» os luteranos. Felizmente os termos tornaram-se sinónimos quando as escolas partidárias se compreenderam melhor, nas primeiras manifestações «ecuménicas» (outro termo qualificativo que a ignorância ou a má fé está impugnando).

A Igreja Episcopal dos E. U. A. inclui no seu título o qualificativo de «Protestante», decerto no desejo de o impor no sentido lógico e filológico. Entre nós será difícil fazê-lo compreender. Como será difícil mudar o título do Infante!

Ainda referiremos a propósito um outro termo afim, que tem aqui seu perfeito lugar. Langston, no seu «Esboço de Teologia Sistemática» pág. 229 e segs., citando Rom. 5: 19, propõe o termo «pecadeiro» a par de «pecador», por este semanticamente não exprimir o que o tratadista pretende. Para ele, pecadeiro significa o humano que permanece no pecado, enquanto que pecador é todo o que nasceu do «Primeiro Adão», após a queda. Ora para o português conhecedor do seu idioma o termo propostado é inaceitável e desnecessário. Nós temos «pecador» e «pecante» que dentro da lógica atrás observada, significam: pecador, todo o que herdou o pecado, isto é, o desvio duma directriz inicial do Criador. «Todos pecaram...» Pecante é o que peca consciente, voluntária, propositadamente. O que torna *seu* o pecado *geral*. O primeiro termo é genérico, o segundo específico.

Até aqui, o cognome do Infante. Tratemos agora dos emblemas que vimos profusamente espalhados,

em decoração das ruas e praças. Foi evidente que predominou a bandeira da Casa do Infante, com a cruz da Ordem de Cristo, de que ele era Mestre. Está muito certo que se recorde a empresa que financiou e foi de facto a padroeira da grande aventura portuguesa. Esse emblema é uma variante modificadora da cruz dos Templários, também espatulada mas não aberta, como foi a nova cruz. Muito havia para dizer aqui sobre a acção, no Oriente, da Ordem do Templo, o esplendor que atingiu e as calúnias que sofreu; e como o rei Dinis conseguiu em Portugal evitar o derrame e o confisco dos bens da Ordem, pelo Papa, vindo eles por isso a ser o elemento económico do início das navegações ulteriores. Mas notemos que a bandeira gironada de preto e branco só apareceu agora como insignia da cidade, que é, e não em profusão maior, como o pavilhão da armada lisboeta com que se fez a conquista de Ceuta, início das jornadas da África.

Quando, aí por 1920, quem estas linhas escreve propos à Câmara de Lisboa, de cujo Senado fez parte, a restauração do estandarte, porque o Município o esquecera, foi esse facto invocado; mas agora queremos invocar outro que nunca temos visto referir.

O Rev. Álvaro Reis, eloquente orador presbiteriano brasileiro, ao visitar Lisboa notou que as cores heráldicas da nossa capital eram as mesmas da cidade de S. Paulo, e ali recordavam as duas raças a quem a cidade se deve. Pois deixai-nos divagar um pouco, lembrando que o Infante, ao permitir o cativo de africanos, maneira drástica de civilizar, mas consentânea com a moral do seu tempo, em má exegese do Evangelho, iniciou todavia a assimilação futura da raça chamada negra, da forma que hoje se prova mais eficaz que a de outros povos colonizadores.

O Estado de São Paulo, com a bandeira alvi-negra, e o Brasil inteiro, sem «barreira da cor» são prova de como os Portugueses conseguiram compreender a fraternidade humana para além do pigmento corante. Que o negue a vaidade dos hipercivilizados, corroidos de vícios e longe da fé singela.

O Infante D. Henrique é um dos maiores portugueses, seja ele es-

(Continua na página 7)

# Sermões de 5 minutos

Pelo Rev. AGOSTINHO F. ARBIOL

«Dá-me, filho meu, o teu coração».  
Prov. 23: 26

A paz de Deus seja convosco.

A dádiva é a expressão mais eloquente do amor. Na quadra do Natal, que é uma festa de amor, todos dão alguma coisa uns aos outros. Deus deu-nos o Seu Filho benedito para ser a propiciação pelos nossos pecados. Segundo a lógica, não há efeito sem causa. Em relação a Deus, a dádiva é o efeito e o amor é a causa. Além de dinheiro e presentes materiais há outras coisas que revelam dedicação e amizade, como o tempo, a oração e a palavra. O tempo que separamos do que temos para o nosso descanso e utilizamos a favor do semelhante; as orações pelos outros e que ao mesmo tempo são bênçãos para nós; a palavra de carinho e amor que dirigimos aos tristes e atribulados, são presentes que oferecemos a Deus, porque Ele aprecia e considera como feito à Sua pessoa tudo aquilo que fazemos aos outros.

A Igreja deve ser o alvo das nossas atenções e da nossa consagração. Ela carece do nosso *dinheiro* para a sua manutenção e desenvolvimento, carece da nossa presença durante o *tempo* de adoração e das nossas intercessões na hora de *oração* e da nossa *palavra* como testemunhos da nossa fé. Do que a Igreja especialmente carece é de vidas consagradas ao seu serviço. Certo pregador, numa Igreja dos

Estados Unidos, pregou sobre a necessidade de dar ao Senhor não apenas dinheiro mas vidas de inteira consagração, tendo o sermão produzido grande emoção em todo o auditório. Quando um dos membros levantava as ofertas, chegou ao pé de um rapazinho que lhe pediu para pôr a bandeja no chão. Depois pôs os pés dentro dela e disse: «Não tenho dinheiro mas quero dar-me a mim mesmo ao Senhor; daqui em diante serei inteiramente Seu». Que bela lição! A melhor coisa que podemos dar ao Senhor, e que Ele mais aprecia, é o nosso coração. «Dá-me, filho meu, o teu coração». Quem der ao Senhor o seu coração, dá também as mãos, os pés, a voz; dá-se, enfim, a si mesmo. Dá as mãos para as aplicar em obras de amor, como Dorcas fazendo roupas para os pobres, como o bom samaritano atando as feridas do judeu moribundo; dá os pés para caminhar sem custo para o culto, quer este se realize longe ou perto, e para a Igreja sempre que esta reclame a sua presença; dá a voz para orar por si e pelos outros, e para dar testemunho cristão, sempre que seja necessário e oportuno! E será muito dar tudo isto Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou antes O entregou para todos nós para com Ele nos dar também todas as coisas? (Rom. 8: 32) De facto, nada será para nós mais glorioso do que dar os nossos corações para serem usados na divulgação das maravilhosas novas da salvação. Amen.

## Notas e Comentários

(Continuado da 2.ª página)

sentiu deveras a falta de liberdade religiosa e por ela combateu denodadamente. A Reforma religiosa, no sentido bíblico, deu ênfase ao livre exame e é esta doutrina que nós defendemos como Igreja Reformada que somos. Queira Deus que, os homens que hoje têm a responsabilidade da direcção dos vários agrupamentos cristãos, reconhecendo os erros do passado, vigiem sempre e orem para que não possam cair nos desvios que tanto mal fizeram ao mundo, diminuindo a acção da Igreja. Prouvera a Deus.

(1) Citado por Eurico de Figueiredo. «O Despertar», n.º 16, pag. 3.

### Aproximação ecuménica

Não há dúvida que este século será chamado o século do esforço ecuménico para uma compreensão melhor entre todos os cristãos. Há em todas as comunhões homens trabalhando com entusiasmo para esta aproximação. Ainda há pouco, na comunidade de Taisé, ordem da Igreja Reformada Francesa (Calvinista), bispos católicos romanos e pastores de diferentes confissões se reuniram em colóquio. Examinaram juntos a questão da evangelização da paróquia e do mundo. Este colóquio é o primeiro depois de quatro séculos de divisões. Os pastores exprimiram a sua alegria e o seu reconhecimento por este encontro, que durou três dias, e em que católicos romanos e protestantes compartilharam unidos da responsabilidade da evangelização. Todos consideram este encontro como um verdadeiro acontecimento, e dão graças ao Senhor da Igreja por esta unidade visível.

Nós em Portugal, que às vezes parecemos ir na cauda dos acontecimentos mundiais, desta vez parece que queremos acompanhar este movimento. E de vez em quando nos encontramos frente a iniciativas que tanto nos surpreendem como nos encantam, pelo muito que representam, depois de tanta incompreensão. Ainda não há muito por iniciativa dum membro da Igreja Católica romana se organizou a Confraria da Boa-Vontade que reunia católico-romanos e protestantes, umas vezes no salão anexo à Igreja Lusitana de S. Paulo, outras vezes numa dependência da Igreja da Encarnação. Também há tempos foi publicada, no jornal «Novellae Olivarum» dos alunos do Seminário católico-romano de Cristo-Rei (Olivais), uma entrevista com o Rev. Eduardo Moreira e que integralmente foi reproduzida. Sabemos que ultimamente este ministro da Igreja Lusitana, foi novamente procurado por um dos alunos do referido Seminário que lhe pediu mais colaboração para o mencionado jornal. Certamente um novo sopro de fraternidade cristã anima os filhos de Deus neste século que passa. É pouco ainda? Mas é pelo princípio que se começa, diz o povo. E o começo parece de molde a bom augúrio, e, lenitivo para tanta tristeza.

## Eleição Episcopal

(Continuação da pág. 1)

bondade pastoral, paciência evangélica, entusiasmo apostólico; o Senhor nos permita que, em breve, ele receba, na sagração sacramental, os dons do Espírito Santo, fonte e origem de todo o seu labor na Seara de Jesus. E, com ele, prossigamos no combate, rogando a Deus, nosso Senhor, que, chegando o termo da sua carreira, possa entregar, confiadamente, nas mãos de outro «homem fiel», o testemunho que recebeu.

tudado ao ponto de vista político e económico ou moral e religioso. O seu alvo não foi o de um «santo», e não seria acertada a sua canonicização, como acaba de ser proposto pelo historiador argentino D. Henrique de Gandia; mas a sua acção coloca-o a par dos maiores heróis da nacionalidade e até da civilização humana e *auténtica*.

Eduardo Moreira

## Calendário da Igreja

(Continuação da pag. 5)

- 15 — 2.º Dom.º depois da Epifania. Liv. de O. pg. 120. Cor lit.: Verde.
- 22 — 3.º Dom.º depois da Epifania. Liv. de O. pg. 122. Cor lit.: Verde.
- 25 — Conversão de S. Paulo. Liv. de O. pg. 241. Cor lit.: Branca.
- 29 — Domingo da Septuagésima. Liv. de O. pg. 129. Cor lit.: Roxa.

### FEVEREIRO

- 2 — Purificação da B. V. Maria. Liv. de O. pg. 243. Cor lit.: Branca.
- 5 — Domingo da Sexagésima. Liv. de O. pg. 131. Cor lit.: Roxa.
- 12 — Domingo da Quinquagésima. Liv. de O. pg. 134. Cor lit.: Roxa.
- 15 — Quarta-feira de Cinzas. Liv. de O. pg. 136. Cor lit.: Roxa.
- 16 — 1.º Domingo da Quaresma. Liv. de O. pg. 134. Cor lit.: Roxa.
- 25 — Dia de S. Matias. Liv. de O. pg. 246. Cor lit.: Encarnada.
- 26 — 2.º Domingo de Quaresma. Liv. O. pg. 140. Cor lit.: Roxa.

## Visitante Ilustre

(Continuação da página 5)

jas irmãs. Especialmente esta de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo Bayne, que tão interessado se mostrou pela nossa Igreja e pelos seus Ministros, louvando a todos pela sua dedicação.

# PELA IGREJA

## Homenagem ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor

Na Escola do Torne, o 76.º aniversário natalício do Rev.º Bispo Fiandor foi comemorado com um óptimo bode oferecido pela Junta da Igreja às dezenas de crianças pobrezinhas que diariamente ali têm as suas refeições.

Numa enternecedora cerimónia, S. Ex.ª Rev.ª foi saudado por um representante da Igreja e, em discurso de ingénua eloquência, por um dos meninos presentes.

A todos o Sr. Bispo agradeceu, mostrando-se visivelmente emocionado com as manifestações de carinho dos seus pequenos amigos.

## Homenagem Póstuma a Diogo Cassels

Tendo passado no dia 7 do corrente o 37.º aniversário do falecimento do Rev. Diogo Cassels, fundador das Escolas do Torne e do Prado, celebrou-se neste dia, às 14 horas na Igreja de S. João Evangelista, que ele pastoreou durante todo o seu ministério, um culto em sua memória, ao qual assistiram as crianças da Escola e muitos dos seus admiradores e amigos.

Em seguida foi-lhe prestada homenagem junto do seu monumento no Jardim-Parque do Concelho de Vila Nova de Gaia, falando o Dr. Manuel Barroca, presidente da Associação dos Antigos Alunos das Escolas do Torne e do Prado, assim como na sua sepultura e de sua esposa D. Isabel Cassels, que ficou coberta de flores. Cantaram-se dois hinos e falou o Director daquelas Escolas Dom António Ferreira Fiandor e o actual Pároco da Igreja, evocando a obra de tão bom e fiel servo do Senhor.

## I Semana Portuguesa de Esforço Cristão

Conforme foi deliberado na 1.ª Convenção Portuguesa de Esforço Cristão, realizada de 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro deste ano, no Porto e em Vila Nova de Gaia, teve lugar agora, de 30 de Outubro a 6 de Novembro, a I Semana de Esforço Cristão de cujo programa constaram as seguintes actividades: Culto de abertura na Igreja Metodista do Mirante e de encerramento na Igreja Lusitana de S. João Evangelista; reuniões especiais e concursos bíblicos nas diferentes Igrejas cujas sociedades de Esforço Cristão estão filiadas na UPEC; visita à Igreja de Aveiro, onde se celebrou um culto especial e uma sessão por meio de projecções luminosas, das actividades da UPEC desde o seu início e outro de concurso bíblico num ambiente de verdadeiro interesse, entusiasmo e amor fraternal; colóquio entre dirigentes das diversas sociedades; uma sessão recreativa e cultural na A. C. M. (sede da UPEC); e reunião de Confraternização para jovens nas proximidades do aeroporto de Pedras

Rubras, na qual além da parte recreativa, houve a parte espiritual com hinos apropriados, oração e mensagens por todos os representantes das Sociedades de Esforço Cristão que constituem a U.P.C. Esta Semana de actividades foi bem acolhida por todas as sociedades de Esforço Cristão e marcou nitidamente um passo à frente.

Por CRISTO E SUA IGREJA.

## Paróquia de Cristo Remidor Alcácer-do-Sal

Temos o prazer de iniciar neste boletim uma subscrição a favor da Construção do templo desta igreja. A activa congregação, composta na sua maioria de gente do campo, já comprou o terreno situado no centro da vila de Alcácer-do-Sal. O projecto, elaborado por um distinto architecto, Prof. Frederico George, foi já aprovado pelas autoridades municipais.

Agora só falta levantar o templo. Por conseguinte, mãos à obra. Temos todos de nos mostrar à altura do sacrificio e aspirações dos nossos irmãos de Alcácer, contribuindo generosa e liberalmente. Seria bom que o templo estivesse construído no fim do ano de 1961. E por que não? Que responda o Amigo que nos lê. O seu óbulo, mesmo pequeno que seja, será abençoado. (I)

Os donativos devem ser enviados ao Rev.º Bispo D. António Ferreira Fiandor — Torne, VILA NOVA DE GAIA, (que bondosamente acedeu ao convite feito para se manter à testa desta comissão, ou ao Pastor da referida Igreja, Rev. Venâncio d' Oliveira — Rua de S. Ciro, 18-rés-do-chão — LISBOA, ou à Redacção deste jornal — Calçada das Lages, 6 — LISBOA.

A construção do templo está orçada em 300 contos (300.000\$00).

Fundo existente . . . . .	75.527\$00
Leopoldo de Figueiredo. . . . .	1000\$00
Miss Bushby . . . . .	80\$00
Donald Lopes II (Doll. \$35). . . . .	997\$50
Rev.º Bispo Powell (Doll. \$25) . . . . .	712\$50
Manuel Menezes . . . . .	20\$00
Isita Barbosa Costa . . . . .	100\$00
Uma irmã na Fé . . . . .	20\$00

A transportar . . . . . 78.457\$00

(1) As pessoas que não possam enviar a quantia duma só vez, basta que declarem com quanto desejam contribuir. O compromisso será depois satisfeito como quiserem.

## "O DESPERTAR" na Imprensa Evangélica

Agradecemos ao «Clarim Evangélico» e ao «Portugal Evangélico» a transcrição respectivamente do artigo de Paulo Agostinho sobre «A Liturgia» e do artigo de Daniel de Pina Cabral sobre «Eucumenismo», assunto este que também em nossas colunas tem sido debatido diferentemente por vários autores.

## A Caminho de Cantuária...

Publicaram-se, não há muito tempo, dois livros com notas biográficas (algumas auto-biográficas) intitulados respectivamente, «Modern Canterbury Pilgrims» e «They became Anglicans».

Por eles vemos como uma plêiade de homens, (católicos romanos, presbiterianos, metodistas, membros doutras confissões protestantes e até pagãos e agnósticos) ingressou finalmente na Comunhão Anglicana.

Este ingresso, que é por sua vez o resultado de um êxodo, parece-nos bastante sintomático.

Mais recentemente, o «Estandarte Cristão», órgão da Igreja Episcopal Brasileira, trazia a seguinte nota:

«O Bispo da diocese de Los Angeles recebeu (1959) outro Presbítero da Comunhão Romana (um jesuita), como sacerdote na Comunhão Anglicana.

O Bispo da diocese de Olímpia admitiu como postulante (candidato cujas intenções de se preparar para o Sagrado Ministério são reconhecidas) um ministro de procedência Presbiteriana.

Pelo Bispo da Virgínia Meridional, igualmente como postulante, foi admitido na Igreja Episcopal, um ministro de procedência Metodista.

Pelo Bispo da diocese de Missouri Ocidental, foi ordenado à Sagrada Ordem do Diaconato um antigo pastor Baptista.

Também no ano passado foi recebido na nossa Igreja, pelo Bispo do Brasil Meridional, um Sacerdote Católico Romano, actualmente exercendo o seu ministério na Paróquia do Natal, em D. Pedrito, nesse estado.»

Como vemos, aumenta o número daqueles que, desenganados de individualismos extremistas ou de uniformismos totalitários, encontram na posição espiritual Anglicana, simbolizada por Cantuária que é idêntica à da Igreja Lusitana, refúgio, força e inspiração.